

TERRITÓRIOS CRIATIVOS:

de clusters a ecossistemas, um olhar por meio da bibliometria

Danisson Luiz dos Santos Reis¹, Débora Cristina da Silva Lima², Guilherme Paraol de Matos³,
Clarissa Stefani Teixeira⁴

Resumo

Território criativo surge como um termo agregador para referenciar espaços geográficos e habitat de inovação em simultâneo, onde a economia criativa, a identidade cultural local e a inovação são o motor do desenvolvimento territorial, abrangendo várias tipologias, sendo cada uma delas singular em seu conceito, delimitação geográfica e política. Por se tratar de um construto recente para o termo, é necessário compreender como a literatura mundial aborda o tema. Para tal, foi conduzida uma revisão bibliométrica a partir de 187 artigos coletados na *Scopus*, *Web of Science* e *Ebsco*. Por meio da investigação, foi possível compreender a evolução temporal do tema, o sistema taxonômico empregado pelos autores e os temas mais relevantes em estudo.

Palavras-chave

Setores criativos e culturais, distrito criativo, cluster criativo, bairro criativo, ecossistema criativo.

Abstract

Creative territory emerges as an aggregating term to reference geographic spaces and habitat of innovation at the same time where the creative economy, local cultural identity and innovation are the engine of territorial development, covering several typologies, each of which is unique in its concept, delimitation geographical and political. As this is a recent construct for the term, it is necessary to understand how world literature addresses the topic. To this end, a bibliometric review was conducted based on 187 articles collected from Scopus, Web of Science and Ebsco. Through investigation, it was possible to understand the temporal evolution of the topic, the taxonomic system used by the authors and the most relevant themes under study.

Keywords

Creative and cultural sectors, creative district, creative cluster, creative neighborhood, creative ecosystem.

¹ Danisson Luiz dos Santos Reis, Universidade Federal de Santa Catarina. E-mail: danisson.sergipe@gmail.com.

² Débora Cristina da Silva Lima, Universidade Federal de Alagoas. E-mail: debora.cls@gmail.com.

³ Guilherme Paraol de Matos, Universidade Federal de Santa Catarina. E-mail: gparaol@gmail.com

⁴ Clarissa Stefani Teixeira, Universidade Federal de Santa Catarina. E-mail: clastefani@gmail.com

Introdução

O declínio industrial e suas consequências nos espaços urbanos de grandes centros econômicos no último quarto do século XX e o início da era do conhecimento proporcionaram o desenvolvimento de novos projetos que utilizam a criatividade, a cultura, as artes e a inovação para ressignificar tais espaços, e assim fazem surgir os primeiros bairros criativos no continente europeu (Pratt, 2021).

Todavia, estes espaços geográficos, e habitats de inovação simultaneamente, de networking, empreendedorismo e efervescência cultural e artística que buscavam a regeneração urbana, se espalham por todos os continentes. Novas nomenclaturas e especificidades surgem, tais como: bairros criativos, distritos culturais, clusters criativos, hubs, ecossistemas, entre outros, todos tendo em comum o objetivo de desenvolver social e economicamente o território por meio dos setores criativos e culturais (Newman; Smith; 2000; Santagata, 2002; Stern; Seifert; 2010).

É nessa miríade de possibilidades conceituais, que autores iniciam um processo de advogar pelo surgimento de termos unificadores (Chapain; Sagot-Duvaroux, 2020), e o termo territórios criativos surge recentemente para encapsular esse habitats de inovação, e esse conglomerado de taxonomias, que usam como combustível a economia criativa, a identidade cultural e a inovação (Emmendoerfer; Fioravante; Araújo, 2018; Aubry; Blein; Vivant, 2014).

Neste contexto, emerge a necessidade de compreender a literatura científica sobre territórios criativos e suas tipologias. Para tal, uma revisão bibliométrica foi conduzida para compreender o cenário posto.

Metodologia

Tendo em vista o objetivo do artigo, realizou-se uma pesquisa qualitativa (Creswell; 2010) e o método adotado foi a revisão bibliométrica, uma das formas de métodos de revisão sistemática, para compreender a produção científica por meio de diversas ferramentas, visando novos conhecimentos e identificando tendências (Verbeek et. al., 2002; Paul; Criado, 2020; Soares et al. 2016).

As bases *Scopus*, *Ebsco* e *Web of Science* foram escolhidas pelo caráter multidisciplinar, quantitativo de fontes relevantes, presença de publicações indexadas com bons índices de quartil e Fator de Impacto conforme exposto por Chapain e Sagot-Duvaurox (2020). A string utilizada para procurar publicações a partir dos títulos, palavras chaves e resumos é descrita abaixo:

("Creative territories" OR "Creative territory" OR "Cultural territories" OR "Cultural territory" OR "Creative districts" OR "Creative district" OR "Cultural districts" OR "Cultural district" OR "Creative quarter" OR "Creative quarters" OR "Cultural quarter" OR "Cultural quarters" OR "Artistic zone" OR "Artistic zones" OR "Creative neighborhood" OR "Creative neighborhoods" OR "Cultural neighborhood" OR "Cultural neighborhoods" OR "Creative hubs" OR "Creative hub" OR "Cultural hubs" OR "Cultural hub" OR "Creative cluster" OR "Creative clusters" OR "Cultural cluster" OR "Cultural clusters" OR "Creative ecosystem" OR "Creative ecosystems")

Salienta-se que para alcançar as possibilidades do que é pode ser caracterizado como território criativo, foram utilizados: 02 websites de vocábulos controlados, *European Union Terminology* e *Unesco Thesaurus*. Houveram strings anteriores que foram modificadas até a string final a partir da leitura de artigos de revisão encontrados nestes corpus iniciais. Não foi utilizada a terminologia cidade criativa devido ao entendimento teórico dos autores que está presente no item Resultados deste texto.

Após a junção das bases pesquisadas em uma planilha única e eliminação das redundâncias, a string utilizada retornou um total de 1254 documentos. Os autores decidiram manter todos os documentos encontrados neste momento, exceto capítulos de livros e similares, independente do ano de publicação, origem, tipo de documento ou idioma, não havendo critérios de exclusão iniciais, a fim de compreender a totalidade dos insumos encontrados.

Em sequência, foi realizada uma inspeção, a partir da leitura dos títulos, resumos e palavras chaves, para selecionar apenas os documentos com ligação direta com o objeto da pesquisa, resultando em um corpus pós-inspeção de 323 documentos.

Em seguida, foi conduzida uma leitura em profundidade de cada artigo para:

- Eliminar artigos que eram concentrados apenas em intervenções artísticas;
- Excluir artigos que não tinham como objeto de estudo principal o território criativo e seus desdobramentos para a sociedade;
- Categorizar a nomenclatura de território criativo utilizada em cada artigo; e
- Clusterizar pela temática principal.

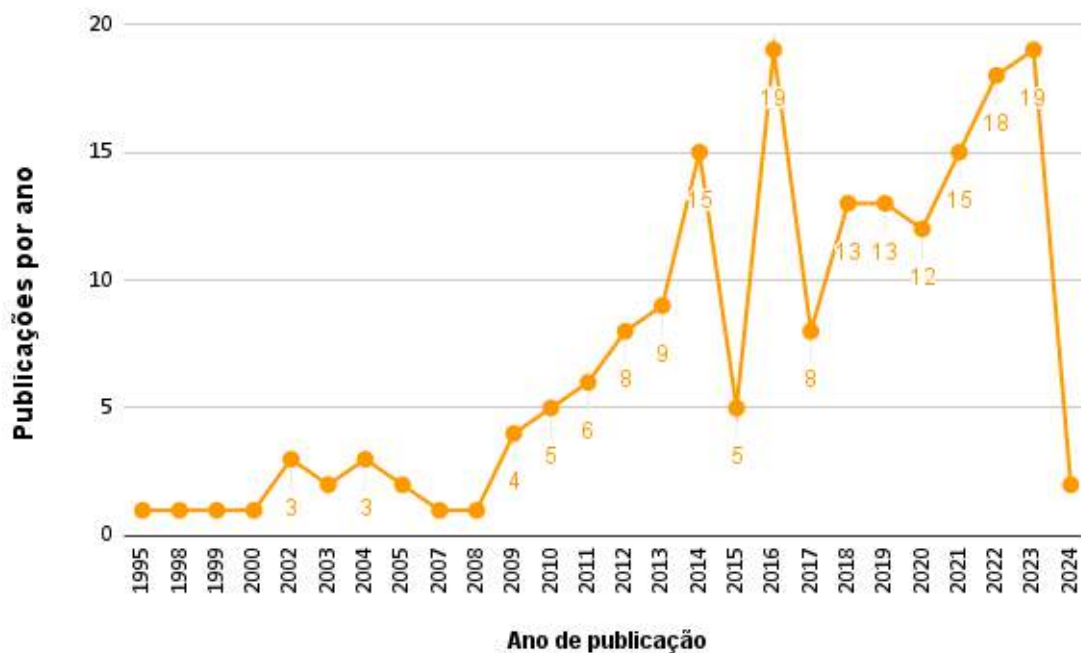
Como resultado, o corpus final ficou com 187 documentos, que foram utilizados para as análises presentes neste artigo, número significativo já que Paul e Criado (2020) afirmam que para manter a qualidade de qualquer tipo de revisão sistemática precisa haver no corpus de 50 a 500 documentos.

Resultados

A primeira publicação identificada no corpus data de 1995 e apresenta a regeneração urbana pela economia criativa no hoje denominado quarteirão criativo *Temple Bar* (Montgomery, 1995). É difícil precisar o pioneirismo desta obra sobre territórios criativos, apesar da ampla relevância dessa publicação, pois o próprio autor menciona que havia documentação anterior que versava sobre o papel das artes, da criatividade e do consumo cultural nos processos urbanos de revitalização e regeneração urbana nos anos 1980, todavia os territórios criativos só passaram a ser alvo da investigação científica anos depois (Montgomery, 1995; 2003).

Na figura 01, pode ser visualizada a produção científica no tempo. Esta cresce no início do século XXI, com auge a partir da década de 2010. Os anos de 2016 e 2023 são os anos com maior número de publicações (n=19).

Figura 01 - Publicações no tempo



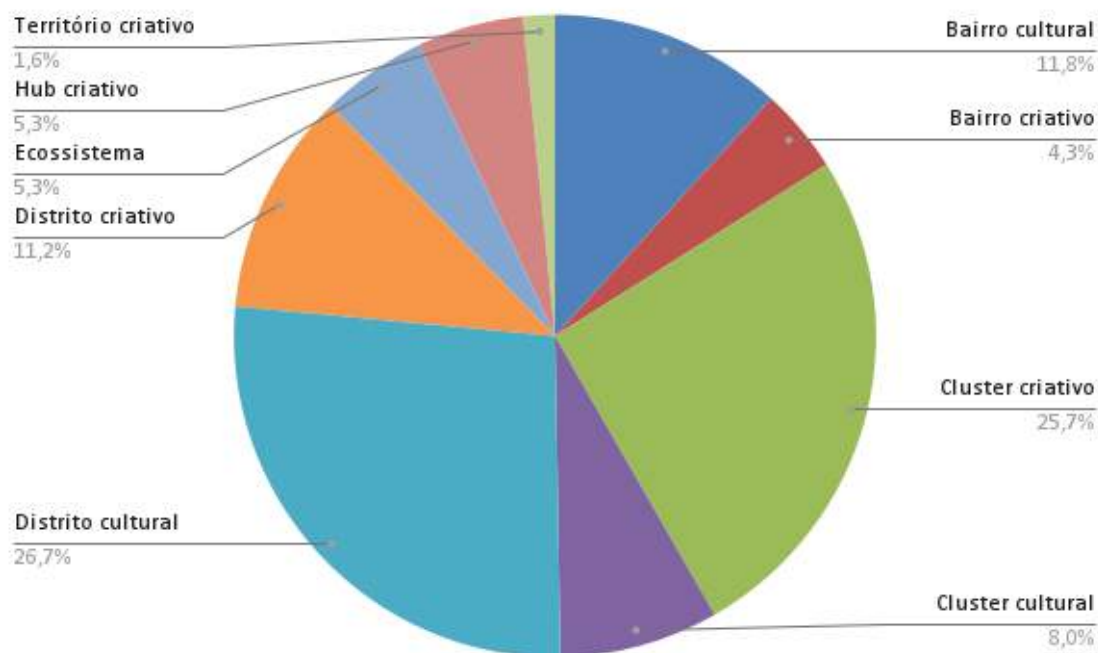
Fonte: Elaborado pelos autores (2024).

Observando a evolução temporal, é possível traçar um paralelo com a disseminação da economia criativa como política pública. A gênese do termo se deu na Austrália em 1994 quando foi anunciada a primeira política federal de apoio à cultura naquele país, a *Creative Nation*. Em 1997, o Reino Unido criou o departamento de indústrias criativas e turismo e lançou a *U.K. Creative Industries Task Force*. Em 2002 e 2003, duas obras seminais são lançadas, *The Creative Economy: How People Make Money from Ideas* e *The Rise of the Creative Class*, de John Howkins e Richard Florida respectivamente, ambas aguçando o olhar público sobre a classe criativa. Em 2008, a UNCTAD passa a lançar os relatórios sobre a importância econômica da economia criativa. Recentemente, 2021 é declarado o ano internacional da economia criativa para o desenvolvimento sustentável pela ONU (Reis; Lima; Teixeira, 2022).

Taxonomia dos Territórios Criativos

Conforme a metodologia, foi identificado qual a nomenclatura de território criativo era mais proeminente em cada um dos artigos do corpus e, a partir desta identificação, foram criadas as figuras 2 e 3, mostrando os grupos taxonômicos.

Figura 02 - Uso das nomenclaturas de territórios criativos

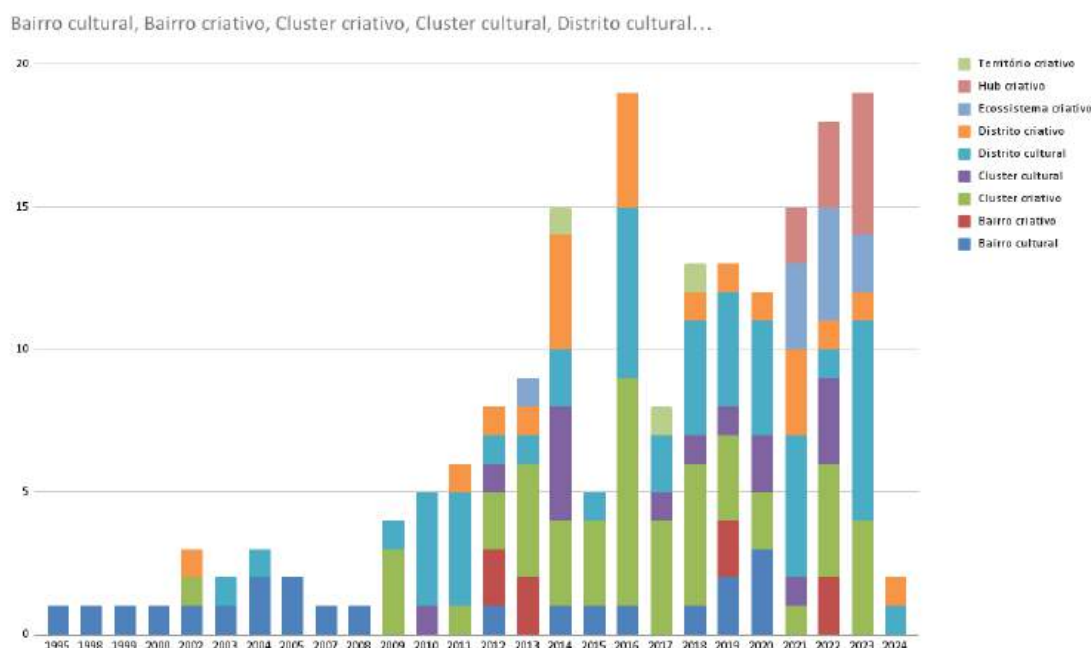


Fonte: Elaborado pelos autores (2024).

As tipologias com o menor número de artigos são os termos ecossistemas criativos, hubs criativos e territórios criativos que estão se tornando mais proeminentes na literatura recentemente. De Bernard, Comunian e Gross (2022) afirmam que nos últimos anos cresceu a ênfase de estudar os aspectos culturais e setores criativos numa perspectiva ecológica, promovendo assim a criação emergente do campo de estudos sobre ecossistemas criativos, e assim buscar compreender as complexas inter-relações presentes para caracterizar os ciclos de produção e consumo de bens criativos e culturais em dado território.

Hubs criativos surgem com uma nova lente para territórios criativos, saem as intervenções com múltiplos atores envolvidos no projeto de governança em espaços gigantes e o foco passa a ser os centros criativos ou antigas locações revitalizadas, tendo como consequência uma capilarização da economia criativa para o território onde estão inseridos (Mert-Travlos, 2021; Pratt, 2021).

Figura 03 - Uso das nomenclaturas por ano



Fonte: Elaborado pelos autores (2024).

Já os grupos taxonômicos predominantes são: distrito cultural (26,7%), cluster criativo (25,7%) e bairro cultural (11,8%). É perceptível na figura 03 que a nomenclatura predominante usada nos anos 90 era dos “quarters”, traduzido aqui no estudo como bairro ou quarteirão. Esse termo ganhou popularidade com as publicações de Montgomery (1995) e Crewe e Beaverstock (1998), e reflete os estudos da época, que tinham como foco a revitalização/regeneração de bairros inteiros que sofreram o impacto da desindustrialização por meio da classe criativa.

Com o passar dos anos, as terminologias “distrito” e “cluster” ascendem a partir de novas lentes de estudos e novas políticas públicas que surgem no início do século XXI. Santagata (2002) estabeleceu seu estudo seminal onde apresenta uma possibilidade de classificação e conceituação pioneira dos distritos, além de exemplificar de maneira ampla, permitindo a criação de uma visão em que não era mais necessário analisar um bairro completo como unidade geográfica para implementação de políticas de territórios criativos.

A ideia dos clusters criativos e culturais capilariza à medida que a teoria de clusters de Porter é adaptada para as indústrias criativas, e pesquisas tentando identificar esses territórios criativos e caracterizar sua governança ganham à luz do dia (Pappaleppore; Maitland; Smith, 2014).

Alguns autores utilizam as terminologias cluster/distrito/bairro como sinônimos. Pappaleppore, Maitland e Smith (2014) afirmam que não há uma terminologia consistente para identificar as aglomerações provenientes da indústria criativa, desta forma o uso de palavras como bairros, distritos, clusters, entre outros, são usados indistintamente por diferentes autores com interpretações sobrepostas. Fato este também corroborado por outros autores do corpus, como, por exemplo, Pourzakarya e Bahramjerdi (2019) que afirmam que os termos são utilizados de forma intercambiável pelos diversos autores.

Analisando o corpus, se identifica uma predileção político-geográfica por certas taxonomias. O uso de bairros criativos é predominante em artigos da Europa Ocidental e do Oriente Médio. Distrito cultural é o termo utilizado pela Itália ou pelos Estados Unidos, apesar de significados práticos diferentes. No país latino o mesmo é concebido para regiões com múltiplas municipalidades, enquanto no continente americano refere-se a vizinhanças circunscritas dentro de cidades.

Distrito criativo é a abordagem preferencial na Espanha, na América do Sul e no Sudeste Asiático. A China denomina seus territórios criativos de clusters culturais, enquanto clusters criativo é quase uma constante nas publicações da Oceania, do Leste Europeu e da África do Sul. Importante notar que este resultado é similar ao encontrado na revisão de Chapain e Sagot-Duvaroux (2020).

Apesar de uso intercambiável por diversos autores do corpus, há autores que discordam veemente que os termos conceituam os mesmos construtos. Para Stern e Seifert (2010), distritos e bairros/quarteirões traduzem uma ideia de criatividade planejada em um formato de governança *top down*, enquanto os clusters seriam as formações que emergem organicamente em aglomerados culturais com governanças *bottom up*.

Mercado Celis (2016) afirma que o foco dos clusters está na concentração de indústrias criativas e na cadeia de suprimentos que surgem em decorrência desta, com ênfase nos resultados destas empresas. Segundo a autora, os bairros/quarteirões e distritos acrescentam a economia da experiência e os equipamentos culturais com enfoque no desenvolvimento territorial e na transformação social, sendo estes diferentes entre si, pois os bairros/quarteirões teriam uma criação orgânica, enquanto distritos seriam implementados por políticas públicas.

É nesta discussão que emerge o termo “territórios criativos” como uma taxonomia universalizadora, referenciando a qualquer espaço geográfico e habitat de inovação em simultâneo, onde a economia criativa, a identidade cultural local e a inovação são insumos que impulsionam o desenvolvimento territorial, podendo ser um cluster, um distrito, um bairro, um hub, um ecossistema, onde cada um destes possui suas idiossincrasias conceituais, geográficas e políticas que os diferenciam entre si (Emmendoerfer; Fioravante; Araújo, 2018; Aubry; Blein; Vivant, 2014).

Salienta-se que a conceituação aqui proposta de territórios, apesar de poder abraçar um ou mais municípios (Emmendoerfer; Fioravante; Araújo, 2018), não engloba o conceito de cidades criativas de Florida, que é centralizado em políticas de atração e retenção da classe criativa, proporcionando diretamente um status simbólico criativo e indiretamente o desenvolvimento pela criatividade (Depiné et al, 2018). Por este motivo, não houve a inserção do termo *creative city* na string de busca.

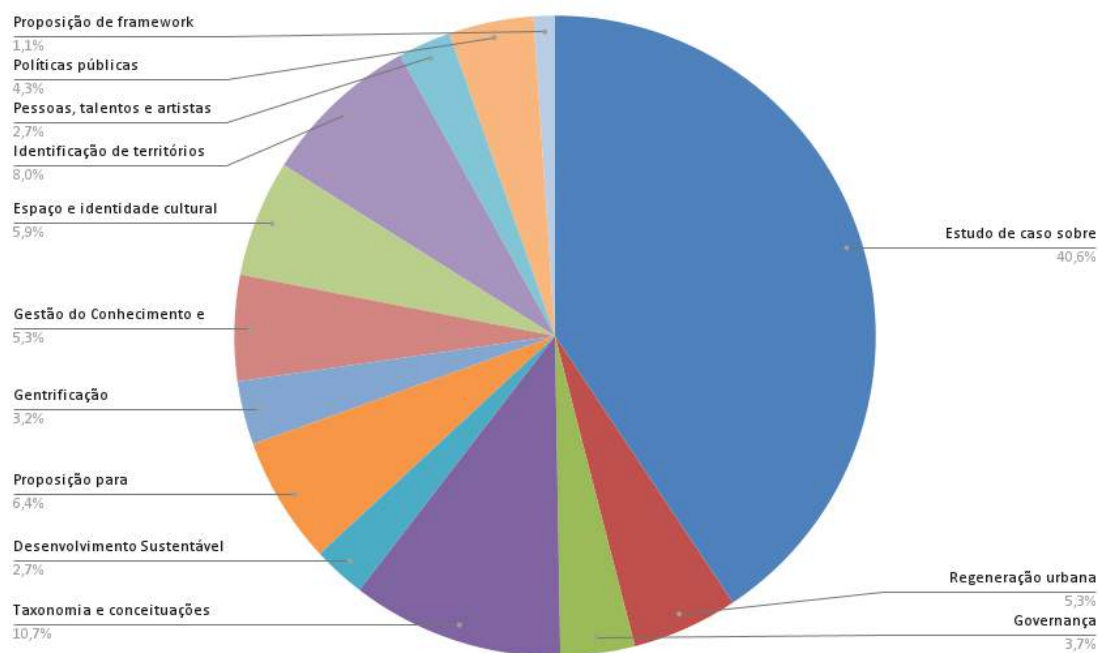
Temáticas dos Artigos

Analisando os objetivos de cada um dos 187 artigos presentes nos corpus, foi possível agrupá-los em 13 temas principais: i) estudo de caso sobre territórios; ii) regeneração urbana; iii) governança; iv) taxonomia e conceituações; v) desenvolvimento sustentável; vi)

proposição para implementação; vii) gentrificação; viii) gestão do conhecimento e da inovação; ix) espaço e identidade cultural; x) identificação de territórios criativos; xi) pessoas, talentos e artistas; xii) políticas públicas; e xiii) proposição de *framework*.

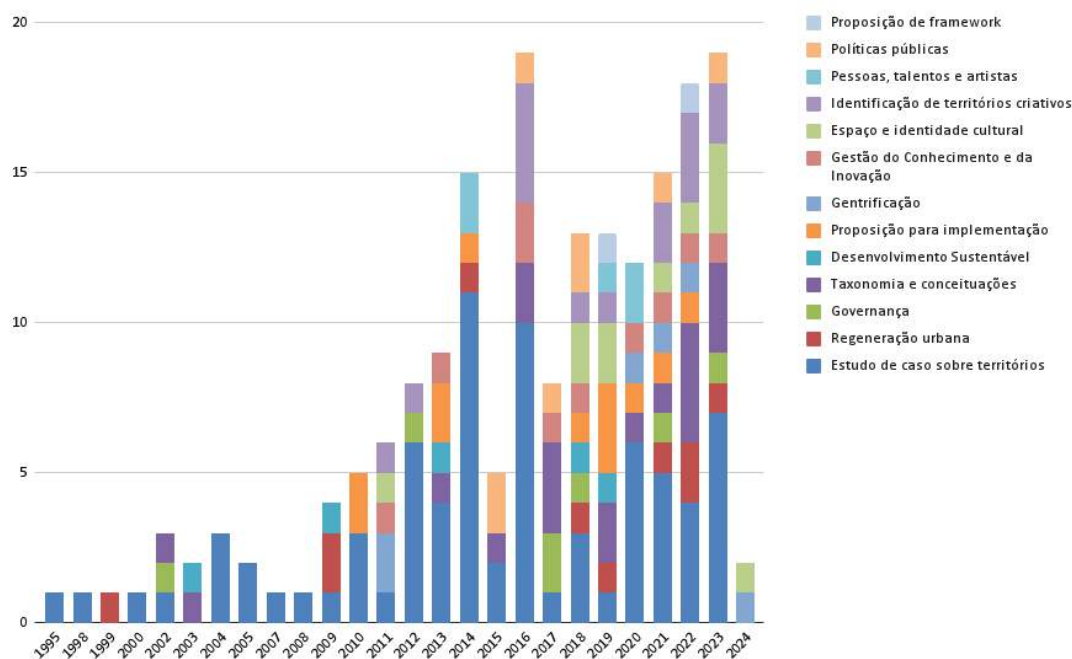
O tamanho de cada grupo pode ser visualizado na figura 04, enquanto na figura 05 é possível analisar como os temas se modificam ao longo do tempo.

Figura 04 - Representação de cada grupo temático



Fonte: Elaborado pelos autores (2024).

Figura 05 - Grupos temáticos por ano



Fonte: Elaborado pelos autores (2024).

Em disparado, o tema “estudo de caso sobre territórios” é o mais proeminente, totalizando 40,6% do corpus e sendo um tema recorrente ao longo dos anos. Isto acontece, pois há uma gama de estudos de caso, que apresentam a realidade de um dado território e a gênese daquele espaço. Nem sempre esses estudos apresentam barreiras desafios, ações e metodologias, o objeto é a narração dos fatos e demonstração dos impactos positivos, como, por exemplo, o processo de repopulação do território (Lazarević; Koružnjak; Devetaković, 2016); ou negativos, como a turistificação (Pappalapore; Maitland; Smith; 2014).

O segundo tema mais proeminente é a regeneração urbana, que remonta os objetivos iniciais dos territórios criativos a nível municipal, ou seja, a recuperação de áreas degradada com ênfase na transformação de espaços semi abandonados nos anos 1980 e 1990 (Pratt, 2021), sendo um objetivo majoritário até os dias de hoje.

O terceiro grupo é composto pelos artigos que identificam e apresentam o funcionamento da governança nos territórios criativos, tema este que ganhou mais tração na década de 2010. Por exemplo, Lauderbach (2012) mostra estas possibilidades de governança ao analisar três cases na Alemanha, onde uma governança foi constituída de maneira *top down*, outra *bottom up* e a terceira em uma estratégia mista de governança.

Na sequência, tem-se os artigos teóricos e revisões, que tentam conceituar, classificar ou evidenciar o que são distritos, clusters, bairros/quarteirões, hubs ou ecossistemas criativos. Destaque aqui para o pioneirismo já mencionado de Santagata (2002) e para a revisão de Chapain e Sagot-Duvaroux (2020) focada apenas nos termos cluster, bairro e distrito.

Territórios criativos e sua ligação com o desenvolvimento sustentável é a chave do quinto grupo, em destaque Sabatini (2019) que argumenta que territórios criativos criam

condições para sustentabilidade, tornando a cultura o quarto pilar para este desenvolvimento.

O grupo seguinte é composto pelas proposições. Diferente do primeiro grupo, os autores aqui esmiúçam a possibilidade de implementação, ora focando no passo a passo (Garza-Rodríguez, 2019), ora focando no potencial de desenvolvimento para região (Hriptulov; Gnezdova; 2018).

Um impacto negativo recorrente dos territórios criativos é a gentrificação, sendo assim, há um número maciço de artigos no corpus e, portanto, um grupo específico, que apenas analisa este processo, tanto suas causas, consequências ou mecanismos para freá-la. Por exemplo, Kan (2020) analisa tal processo em um dos principais clusters culturais de Shenzhen na China e Wang (2011) em Xangai.

Há 04 grupos temáticos que se debruçam sobre aspectos funcionais específicos e relevantes dentro do território. No oitavo grupo, há os artigos que mostram como acontecem as redes de conhecimento e de inovação dentro destes espaços geográficos. No grupo espaço e identidade cultural, os autores buscam entender como os territórios criativos ressignificam a infraestrutura física e potencializam a identidade cultural local.

No décimo primeiro grupo, os documentos trazem as relações entre a classe criativa e o território, e como os criativos alteram o capital simbólico da região apenas pela presença. No décimo segundo grupo, há uma tentativa dos artigos de mapear as políticas públicas que corroboram para o desenvolvimento territorial por meio dos setores criativos e culturais.

O grupo de número doze é composto por estudos que utilizam ferramentas quantitativas para identificar territórios criativos a partir de indicadores, como, por exemplo, quantitativo de empresas, equipamentos culturais e artistas em uma região. Nota-se que a maior parte dos artigos realiza essa identificação fora dos grandes centros urbanos, vide Escalona-Orcao et al (2021) nas cidades de pequeno e médio porte da Espanha e Velez-Ospina et al (2023) na área rural do Reino Unido.

O último grupo de temas constituído é o de proposição de framework que aparece no corpus a partir do fim da década de 2010. Supõe-se aqui uma linha evolucionária do tema. À medida que mais estudos de caso e de proposição ganham notoriedade, parte dos pesquisadores iniciam estudos para estabelecer padronizações que possuam possibilidade de replicação e adaptabilidade em diferentes infraestruturas e identidades culturais locais.

Conclusão

Considera-se que foi possível compreender o atual status da literatura científica mundial sobre territórios criativos por meio de uma revisão bibliométrica. Para tal, foi conduzida a investigação científica em um corpus com 187 documentos, sem restrições temporais ou geográficas.

A análise do corpus revelou o aumento na produção acadêmica mundial. Dentre as tipologias utilizadas, destaque para o uso dos termos bairro criativo, distrito cultural e

cluster criativo amplamente capilarizadas nas décadas de 1990 e 2000. Ao clusterizar as temáticas principais presentes no corpus, chegou-se a 13 grupos temáticos.

Compreende-se também que apesar das singularidades de cada termo, é possível a utilização do termo guarda-chuva territórios criativos e suas tipologias, que codifica todos os habitats de inovação contidos em um espaço geográfico que buscam o desenvolvimento sustentável por meio da economia criativa, da identidade cultural local e da inovação.

Como estudos futuros, recomenda-se: o uso de outras revisões sistemáticas a fim de identificar confluência dos resultados; e utilização de softwares de bibliometria a fim de aprofundar os achados aqui presentes.

Agradecimentos

O presente trabalho foi realizado com apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior -Brasil (CAPES) - Código de Financiamento 001. Os autores agradecem a CAPES, por apoiar financeiramente este trabalho através da bolsa CAPES/PROEX.

Referências

AUBRY, Anna; BLEIN, Alexandre; VIVANT, Elsa. The promotion of creative industries as a tool for urban planning: the case of the Territoire de la culture et de la création in Paris Region. **International journal of cultural policy**, v. 21, n. 2, p. 121-138, 2015.

CHAPAIN, Caroline; SAGOT-DUVAUROUX, Dominique. Cultural and creative clusters—a systematic literature review and a renewed research agenda. **Urban Research & Practice**, v. 13, n. 3, p. 300-329, 2020.

Creswell, John W. (2010). **Projeto de pesquisa: Métodos qualitativo, quantitativo e misto**. Porto Alegre: Artmed, 3.

CREWE, Louise; BEAVERSTOCK, Jonathan. Fashioning the city: Cultures of consumption in contemporary urban spaces. **Geoforum**, v. 29, n. 3, p. 287-308, 1998.

DE BERNARD, Manfredi; COMUNIAN, Roberta; GROSS, Jonathan. Cultural and creative ecosystems: a review of theories and methods, towards a new research agenda. **Cultural Trends**, v. 31, n. 4, p. 332-353, 2022.

DEPINÉ, A.; AZEVEDO, I.C.; GASPAR, J. V.; VANZIN, T.; Cidade Inteligente: A transformação do espaço urbano pela tecnologia. In: *Habitats de Inovação: conceito e prática*. DEPINÉ, A.; TEIXEIRA, C. S. (Orgs). São Paulo: Perse, 2018. p. 132-151.

EMMENDOERFER, Magnus Luiz; FIORAVANTE, Alexandre Sette Abrantes; DE ARAÚJO, Joaquim Filipe Ferraz Esteves. Ações governamentais para o desenvolvimento de territórios criativos no contexto brasileiro. **Revista Brasileira de Gestão e Desenvolvimento Regional**, v. 14, n. 1, 2018.

ESCALONA-ORCAO, Ana et al. Cultural and creative ecosystems in medium-sized cities: Evolution in times of economic crisis and pandemic. **Sustainability**, v. 13, n. 1, p. 49, 2021.

GARZA-RODRÍGUEZ, Fabiola. Identificando clústers culturales en el centro de Monterrey. Un análisis de caso. **CONTEXTO. Revista de la Facultad de Arquitectura de la Universidad Autónoma de Nuevo León**, v. 13, n. 18, p. 41-56, 2019.

HRIPTULOV, Igor; GNEZDOVA, Julia. Principles of Organization of Creative Clusters. In: **2nd International Conference on Culture, Education and Economic Development of Modern Society (ICCESE 2018)**. Atlantis Press, 2018. p. 799-802.

LAUDERBACH, Martina. Effective governance to develop creative quarters: Three case studies from Germany. **Quaestiones Geographicae**, v. 31, n. 4, p. 77-86, 2012.

LAZAREVIĆ, Eva Vaništa; KORUŽNJAK, Arch Boris; DEVETAKOVIĆ, Mirjana. Culture design-led regeneration as a tool used to regenerate deprived areas. Belgrade—The Savamala quarter; reflections on an unplanned cultural zone. **Energy and Buildings**, v. 115, p. 3-10, 2016.

MERCADO CELIS, Alejandro. Distritos creativos en la Ciudad de México en la segunda década del siglo XXI. **territorios**, n. 34, p. 183-213, 2016.

MERT-TRAVLOS, Ceren. The duality of creative hubs in non-Western contexts: the case of Bomontiada. **Cultural Trends**, v. 30, n. 2, p. 99-121, 2021.

MONTGOMERY, John. The story of Temple Bar: creating Dublin's cultural quarter. **Planning Practice & Research**, v. 10, n. 2, p. 135-172, 1995.

MONTGOMERY, John. Cultural quarters as mechanisms for urban regeneration. Part 1: Conceptualising cultural quarters. **Planning, practice & research**, v. 18, n. 4, p. 293-306, 2003.

PAUL, Justin; CRIADO, Alex Rialp. The art of writing literature review: What do we know and what do we need to know?. **International business review**, v. 29, n. 4, p. 101717, 2020.

PAPPALEPORE, Ilaria; MAITLAND, Robert; SMITH, Andrew. Prosuming creative urban areas. Evidence from East London. **Annals of tourism research**, v. 44, p. 227-240, 2014.

PRATT, Andy C. Creative hubs: A critical evaluation. **City, Culture and Society**, v. 24, p. 100384, 2021.

POURZAKARYA, Maryam; BAHRAMJERDI, Somayeh Fadaei Nezhad. Towards developing a cultural and creative quarter: Culture-led regeneration of the historical district of Rasht Great Bazaar, Iran. **Land Use Policy**, v. 89, p. 104218, 2019.

REIS, Danisson Luiz dos Santos; LIMA, Debora Cristina da Silva; TEIXEIRA, Clarissa Stefani. A Evolução do Nível de Maturidade do Ecossistema de Inovação à luz da Economia Criativa: Em busca de um ecossistema criativo no nordeste brasileiro. **Brazilian Creative Industries Journal**, v. 2, n. 2, p. 131-154, 2022.

SABATINI, Francesca. Culture as fourth pillar of sustainable development: Perspectives for integration, paradigms of action. **European Journal of Sustainable Development**, v. 8, n. 3, p. 31-31, 2019.

SANTAGATA, Walter. Cultural districts, property rights and sustainable economic growth. **International journal of urban and regional research**, v. 26, n. 1, p. 9-23, 2002.

SOARES, Patrícia Bourguignon et al. Análise bibliométrica da produção científica brasileira sobre Tecnologia de Construção e Edificações na base de dados Web of Science. **Ambiente Construído**, v. 16, p. 175-185, 2016.

STERN, Mark J.; SEIFERT, Susan C. Cultural clusters: The implications of cultural assets agglomeration for neighborhood revitalization. **Journal of planning education and research**, v. 29, n. 3, p. 262-279, 2010.

VELEZ-OSPINA, Jorge A. et al. Determinants of rural creative microclustering: Evidence from web-scraped data for England. **Papers in Regional Science**, v. 102, n. 5, p. 903-944, 2023.

VERBEEK, Arnold et al. Measuring progress and evolution in science and technology-I: The multiple uses of bibliometric indicators. **International Journal of management reviews**, v. 4, n. 2, p. 179-211, 2002.